



A obra de Michelangelo será vista na Bienal

# Michelangelo na Bienal

*Lina de Albuquerque*

SÃO PAULO — Embora o perfil da 20ª Bienal Internacional de São Paulo, que acontecerá de 14 de outubro a 10 de dezembro do próximo ano, no Parque do Ibirapuera, ainda esteja muito longe de ser definida, o curador internacional da mostra, Carlos von Schmidt, já anunciou os nomes de alguns dos artistas responsáveis pelas suas primeiras pinceladas: o inglês Francis Bacon, os franceses Yves Klein, Daniel Buren, Mario Semerato e Alain Jacquet, os alemães Joseph Beuys e Ulrich Ruckriem, os portugueses Vieira da Silva, Souza Queiroz e Da Costa e um italiano morto há 424 anos — Michelangelo Buonarroti.

Uma das participações desde já polêmica é justamente a do renascentista Michelangelo, os artistas e críticos têm se perguntado se os desenhos e esculturas do autor da Capela Sistina mereceriam integrar uma exposição contemporânea. Na opinião, por exemplo, do crítico Olívio Tavares de Araújo, presidente da comissão de arte e cultura da Bienal, "a presença de elementos históricos só se justifica se foram traduzidos por uma leitura contemporânea do universo".

Para outro crítico, Rodrigo Naves, editor da revista *Novos Rumos*, do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), o alemão Beuys é um dos artistas mais importantes da segunda metade do século. Naves lamenta, no entanto, a decisão de escolher-se apenas uma obra sua — insufi-

ciente, ele lembra, para a compreensão da proposta do artista. O curador da representação alemã, Klaus Gallwitz, ainda não sabe qual das gigantescas instalações do artista mandará ao Brasil — uma delas, uma enorme coluna vertical já exposta em Veneza, somente poderá ser exibida aqui na horizontal, por ser alta demais, e a outra, duas vigas de aço com um bloco central de seis metros, só caberá no primeiro dos três andares do Pavilhão da Bienal. Quanto a Francis Bacon, também na lista, Rodrigo Naves julga que o holandês De Kooning, radicado nos Estados Unidos, faria uma melhor amostragem do expressionismo abstrato. Embora aprecie muito o construtivismo russo, o crítico paulista preferiria ver na Bienal obras de artistas mais contemporâneos.

Da Alemanha virá também o escultor Ulrich Ruckriem, que pretende construir, especialmente para o evento, uma peça de granito brasileiro, que no final da Bienal será doada a algum museu do país. Nos Estados Unidos, o curador para a mostra realizada em São Paulo será escolhido por 60 **experts**, entre diretores de museus e representantes de artistas. Um tratamento privilegiado quando se tem em conta que na última Bienal de Veneza, o governo americano indicou 45 pessoas para essa mesma tarefa. Na lista de preferência de von Schmidt, estão os artistas Pollock, Warhol, Frank Stella e Rauschenberg — aos quais o crítico Rodrigo Naves acrescentaria Julian Schnabel.